

Escritas de si, escritas do mundo: um olhar clínico em direção à escrita

Self writing, writings of the world: a clinical look toward the writing

Marília Silveira; Ligia Hecker Ferreira

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, mariliasilveira.rs@gmail.com

Resumen

Palabras clave

Escrita
Invenção de si
Autoria

Este trabalho consiste numa cartografia feita a partir dos encontros de pessoas (adolescentes e estudantes de psicologia) com a sua própria escrita. Seja sobre sua história pessoal ou seu trabalho. O registro destes encontros é feito aqui com algumas ferramentas teóricas com as quais pensamos ser possível lançar um olhar clínico contemporâneo da Psicologia sobre estes processos de escrita. Um olhar que difere e desvia em direção a novas formas de pensar a escrita, especialmente, para além da representação. Com alguns conceitos como corpo, ethos e autoria de si, tramamos essas formas de pensar a escrita no contemporâneo. Esta pode tornar-se um espaço de habitação, uma morada provisória para as intempéries da vida, onde é possível a invenção do próprio sujeito. Um lugar de resguardo onde o sujeito pode cuidar de si (escrever a si) para depois de refazer-se conseguir se lançar na escrita (autoria) do mundo.

Abstract

Keywords

Writing
Inventing itself
Authorship

This work is a mapping done from the meetings of people (teenagers and psychology students) with their own writing. Be on your personal history or his work. The record of these meetings is done here with some theoretical tools with which we think can be a glimpse of contemporary clinical psychology written about these processes. A look that differs and deviates toward new ways of thinking about writing, especially, beyond representation. With concepts like body, ethos and self-authorship, we think these ways of thinking in contemporary writing. This can become a living space, a temporary abode for the storms of life, where it is possible the invention of the subject itself. A place of seclusion where the subject can take care of themselves (write yourself) to recuperate after getting embarking on writing (authorship) of the world.

Introdução: um início pelo meio

Por onde iniciamos um texto? Como definir o que é introdução e o que é conclusão? Qual a ordem melhor dos escritos em um texto? Iniciamos pelo começo. Mas onde é mesmo o começo?

O começo seria gênese? A origem? O fato é que sempre começamos pelo meio, me disse um colega quando tive a sensação de que começávamos a escrever um texto pelo meio. Acreditamos que a história começa quando nascemos. Mas nascemos no meio de uma história. Nascemos no meio de uma família, de um tempo, de uma sociedade. Começamos rasgando pelo meio, pois sempre houve uma história antes de nós e haverá uma depois de nós. Gilles Deleuze (1990/1992) nos ajuda a pensar quando lança a ideia de que “Já não é uma origem enquanto ponto de partida, mas uma maneira de colocação em órbita” (p. 151).

Entramos em órbita, aceitamos o movimento. Mas somos feitos no quê? Suely Rolnik (1993a) propõe nossa existência a partir das marcas e entende que uma forma de falar de uma trajetória é olhar para o grau de potência com que a vida se afirma nas marcas de nossa experiência. As experiências ficam registradas, com diferentes intensidades, em nosso corpo. Essas marcas não aparecem necessariamente em uma ordem cronológica, nem quando narramos nossa história. Há uma possibilidade de invenção na disposição que se faz dessas marcas invisíveis. Talvez elas apareçam, por vezes timidamente, quando escrevemos. Talvez escrevê-las seja um modo de re-atualização das marcas, o que possibilita olhá-las de outro modo, tornar minimamente nomeável aquilo que por vezes se inscreve no indizível (Rolnik, 1993a).

Somos feitos nessas marcas e por essas marcas nos deixamos fazer, numa espécie de geografia muito singular que criamos ao experimentar o mundo. E ao narrar nossa história, mudamos a cada nova narrativa, porque ao repetir uma história já não somos mais os mesmos, “Tudo muda, nada permanece idêntico a si mesmo. O movimento é, portanto, a realidade verdadeira” afirma Marilena Chauí (2002, p. 81) em referência a Heráclito de Éfeso. O que faz nascer certa liberdade para inventar, a partir do que sentimos hoje.

Imagine um grande mapa de nossa existência, feito de relevos, cheio de paisagens que se fazem e desfazem, no qual habitamos e criamos. Um arquipélago cujas ilhas são povoadas de afetos. Ilhas continentais, nascidas de erosões acidentais e ilhas oceânicas, emergentes de algo que já existe (Deleuze, 1968/2006). Continentes existenciais marcados por acontecimentos que amoldam, modificam, refazem, transformam a gente.

Às vezes nos deparamos com paisagens áridas, desertas de afetos, outras vezes desertamos na direção oposta à dos ventos, inventamos, forjamos lugares para habitar e novos modos de existir.

Foi por um caminho destes que descobrimos na escrita uma possibilidade de acolher nossos estares, inventar modos de ser, descobrir os outros eus que nos habitavam. Não necessariamente de forma tranquila. Tais experiências produziram marcas nestes corpos que agora escrevem. Então nos deparamos com algumas de nossas marcas: o ano em nascemos, o gênero feminino e vontade de escrever, e escrever um trabalho acadêmico. A partir dessas marcas lançamo-nos a encontrar um estilo de escrita que passeie entre as normas da academia. Que não faça perder o feminino e o colorido de nossa escrita. E ao mesmo tempo não perca o valor acadêmico. Formular a partir da experiência uma questão que nos leve, nos mova na direção do desejo de pesquisar. Buscar na casa das palavras, como diria Eduardo Galeano (1991/2007) revirar os frascos de diferentes cores e sabores para registrar os saberes de uma formação.

Este artigo nasceu do encontro entre as autoras, Marília, aluna de graduação, em meio à tarefa de escrita do trabalho de conclusão da aluna no curso de Psicologia a outra, Lígia, a orientadora. Este texto é uma versão modificada da monografia da primeira autora (Silveira, 2010) que se transformou em ponte pela qual, ambas sabemos, foi possível fazer a passagem para um trabalho em psicologia. Um espaço de afirmação de um modo de pensar a Psicologia. Escolhemos deixar nele alguns sinais, marcas dos processos que vivemos e acompanhamos com a escrita, pois vivemos e aprendemos que a escrita é um instrumento para o qual o psicólogo também pode olhar e com o qual pode trabalhar.

Consideramos importante também registrar que esta escrita não foi solitária. Diversos profissionais, colegas e usuários de diversos serviços contribuíram para o nascimento deste texto. Por isso escrevemos na terceira pessoa do plural: nós, em especial com o(s) nó(s) dos encontros de orientação. Estas elaborações identificadas no encontro entre aluna e professoram - que orientou a dor dessa escrita

e de outras escritas ao longo do curso de psicologia são marcadas com nós porque sua elaboração foi feita neste encontro e desde este lugar é que podemos partilhar a autoria. Quando tratamos da experiência da aluna - primeira autora, no campo de sua pesquisa, utilizamos a primeira pessoa do singular, eu, para identifica-la.

Reunimos nesse registro algumas cenas, paisagens psicossociais (Rolnik, 1989) que foram importantes, que marcaram, transformaram-nos. Paisagens que deixamos à mostra para os que puderem e quiserem ler. Este texto agora deixa de ser parte das autoras, para ganhar vida própria, interpretações e compreensões múltiplas, impossíveis de controlar.

O (a) leitor (a) está convidado (a) a uma viagem por algumas estações e suas linhas, às vezes bem definidas como as de trem, outras vezes com desvios mais sutis como as estações do ano. Na Estação Liberdade apresentamos as liberdades de um método cartográfico que se propõe um constante fazer-se, que aceita as intempéries da estação e as imprevisibilidades do tempo. Daí, partimos para a Estação Mirador, um encontro com algumas paisagens clínicas, em seus diferentes desvios enquanto psicologia inventiva. De lá vamos à Estação da Luz a ver se iluminamos um pouco os processos de escrita, e perceber de que são feitos e aonde podem nos levar. Por fim chegaremos à Estação Terminal, fim desta viagem, despedida também deste processo de escrever.

Estas estações talvez sejam torções do tempo, aproximando-se das proposições de Henri Bergson (1933/2006), algo do desenredar-se do aprisionamento que a linguagem por vezes supõe, na tentativa de fazer resistência, de “burlar a lógica utilitária que perpassa sua atividade e, assim, produzir efeitos criativos e inventivos em sua expressão” (Pereira, 2006, p. 7).

É por este movimento que entendemos a possibilidade criadora da escrita. Os rastros que deixamos aqui são uma possibilidade (não a única) de análise das experiências e dos afetos que delas fizeram emergir. Afetos estes que nascem da nossa implicação com o tema, portanto, é uma escrita que não se pretende neutra.

Em cada uma das estações o (a) leitor (a) está convidado (a) a descer e observar as paisagens que ali se formam e a partir delas inventar, associar, sentir, criar, deixar-se estar naquilo que elas convocarem.

Estação Liberdade: rastros metodológicos

Há que se escolher um ponto de onde partir, um ponto qualquer serve, e não será a origem, nem pretende ser, nem há como ser, já que há (no mínimo) um subtítulo de introdução antes desse. Tudo começará onde for possível começar.

Escolhemos partir da Estação Liberdade. Estação no sentido advindo do latim *statio*, - *onis*, estado de repouso, morada, residência, lugar de reunião. E buscamos Liberdade para eleger uma metodologia liberta de certas amarras formais (das formas prontas). Usamos rastro para nomeá-la a partir da ideia (quase conceito) de Derrida (1967/1999): “a presença-ausência de rastro”, que se relaciona “à alteridade de um passado que nunca foi e não pode nunca ser vivido na forma, originária ou modificada, da presença” (pp. 86-87). Pois ao passarmos ou criarmos algumas paisagens psicossociais (Rolnik, 1989) ficam os rastros invisíveis que territorializam e desterritorializam os seres. Território tomado como espaço-tempo no qual o sujeito possa habitar, estar, construir sentidos para si. E serão construções temporárias que não se pretendem definitivas, pois permitirão, a partir da criação de um novo sentido, sua desterritorialização, a fim de transformar-se em outra coisa (a instabilidade própria do devir).

Buscamos estar nas tramas da escrita, um constituir-se em tais tramas na medida em que se escreve. Algo que pode ser produzido em oficinas de escrita. A cartografia (Rolnik, 1989) aparece como recurso metodológico possível para a leitura deste processo. Um desenho que acompanha e se faz, enquanto percorremos este caminho de escrever, o que equivale a dizer: territorializar sem impor uma forma. O método cartográfico consiste num caminho que se faz “juntamente com as paisagens, cuja formação ele acompanha” (Rolnik, 1989, p. 66).

Levamos no bolso tal qual o cartógrafo proposto por Rolnik “um critério, um princípio, uma regra e um breve roteiro de preocupações – este, cada cartógrafo vai definindo e redefinindo para si constantemente” (Rolnik, 1989, p. 69), como ocorre a uma personagem de Cortázar: “aconteciam-me às vezes que tudo ia por si mesmo, abrandava-se e cedia terreno, aceitando sem resistência que se pudesse passar assim de uma coisa a outra” (Cortázar, 1966/1972, p. 135).

A cartografia permite certa liberdade de movimentos, de deixar-se ir de uma coisa a outra, sem a pré-ocupação de encontrar uma forma rígida porque é um método que visa *acompanhar um processo* e não representar um objeto (Passos, Kastrup e Escóssia, 2010). Uma cartografia que se movimenta em diferentes planos, que aqui variam desde a singularidade do (a) cartógrafo (a) até a formação das paisagens e das singularidades de cada um dos envolvidos na pesquisa, perpassados por suas histórias e pelos inesperados acontecimentos cotidianos.

Entendemos que o trabalho do (a) psicólogo (a) consiste em uma escuta clínica (que não se restringe ao consultório e à cena clínica tradicional) que não se fixa em nenhum ponto, mas que fica atenta às mudanças de direção do desejo, aos seus retornos, que acompanha o sujeito pelas rotas e pelas mudanças nas rotas que este propõe. Passar de uma coisa a outra, sentir, transformar, seguir, foi para isso que viemos. E lançamos o leitor (a) nesta viagem, a buscar modos de “desver” o mundo inspiradas no poeta Manoel de Barros: “O Pai achava que a gente queria desver o mundo para encontrar nas palavras novas coisas de ver” (Barros, 2010, p. 9).

A escrita pode ser uma lente clínica para “desver” o mundo? Clínica porque todo o trabalho psicológico de “leitura” de processos é um trabalho clínico, independente do contexto. E desver, como propõe Manuel de Barros (2010), porque o olhar que lançaremos sobre as cenas de escrita procuram modos diferentes de ver, pois tem como proposta a abertura de novos sentidos e mesmo a invenção deles.

A escrita pode ser uma máscara? Como aquelas que usamos para responder às demandas do mundo (Rolnik, 1989)? Uma máscara forjada, nova, não das que existem prontas. Porque escrever tem também um quê de inventar.

O que pode a escrita? Essa era nossa pergunta. E sabíamos, desde o momento em que conseguimos formulá-la, da multiplicidade de respostas possíveis para ela. Resolvemos então que passearíamos pelos processos de escrita, pessoais ou que havíamos acompanhado e tentaríamos descobrir nessa rota algo do que pode a escrita, porque certamente ela pode diferentes coisas nas diferentes paisagens que podemos visitar.

Seriam paisagens que eu cartografaríamos com essa lente? Como chamar isso? O texto pode ser uma máscara metaestável¹? Um espaço-corpo para habitar-inventar o mundo? As paisagens que

¹ Metaestabilidade: noção da física contemporânea que considera as transformações provocadas pela coexistência de corpos no espaço, não como fonte de perturbação da ordem dos corpos, mas de complexificação maior do mundo. Assim não haveria estabilidade, já que o caos é a ordem, o máximo de estabilidade seria a metaestabilidade, o corpo se mantém estável por algum tempo, mas logo reinicia o movimento (Rolnik, 1993a). Pode ser trazida para o campo da subjetividade, aproximando-se dos conceitos de dobra e platô na obra de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1980/1996).

interessavam eram as dos encontros das pessoas com os textos. Os efeitos provocadores e desestabilizadores em quem escuta um texto e escreve um texto. Eram paisagens que cartografaríamos em texto para fazer pequenos retratos desses estares no mundo.

Já estariam prontas as paisagens desses encontros? Ou ainda os transformaríamos em imagem na medida em que escrevêssemos? O texto operaria como reinvenção do vivido? Seria possível agenciar alguns processos de produção de escrita, de produção de si e do mundo? Como você pode ver, caro leitor, as perguntas era muitas. Era preciso escolher algumas linhas pelas quais passearíamos. Em Rolnik (1997) encontramos uma ideia: a subjetividade perpassada por linhas de tempo,

Cada linha de tempo que se lança é uma dobra que se concretiza e se espacializa num território de existência, seu dentro. No entanto, nenhuma concretização, nenhuma espacialização tem o poder de estancar a nascente; outras linhas de tempo vão se engendrando na pele deste dentro que acabarão por desfazê-lo. Cada figura e seu dentro dura tanto quanto a linha de tempo que a desenhou: diversos são os microuniversos possíveis, tantos quantas são as linhas de tempo (p. 2).

Os movimentos que emergem desses processos são as como paisagens que vamos cartografar. Paisagens a serem cartografadas em texto para fazer imagem-movimento desses estares no mundo. Tal trabalho demanda novos focos de atenção, a partir de Kastrup (2007), pensamos na construção de dados e não à “coleta” de dados como a ciência tradicional propõe. A atenção do cartógrafo pode variar na busca de signos e forças circundante e não focar para preparar a representação de formas. O cartógrafo com seu olho vibrátil (Rolnik, 1989) deseja encontrar, pois:

Encontrar é o mesmo que achar, é capturar, é roubar, mas não há método para achar, só uma longa preparação. Roubar é o contrário de plagiar, copiar, imitar ou fazer como. A captura é sempre uma dupla-captura, o roubo um duplo roubo, e é isto o que faz não algo de mútuo, mas um bloco assimétrico, uma evolução a-paralela, núpcias entre “fora” e “entre” (Deleuze e Parnet, 1977/1998, p. 6).

É para que haja essa dupla-captura e se processe um roubo que nossa atenção precisa flutuar, por vezes escolher onde pousar o olhar, qual ponto iluminar, quais encontros produzir. Pois é nesse *entre* o vivido e o captado que haverá a possibilidade de alguma autoria.

Estação Mirador: escrituras clínicas

O que pode a escrita enquanto ferramenta clínica no trabalho do (a) psicólogo (a)? Agora algumas paisagens começam a se formar em tons que aqui chamaremos de paisagens clínicas, nas quais é possível visualizar encontros das pessoas com os textos. E a que essa experiência de encontrar-se com seu próprio texto nos pode remeter? Freud (1908/1977) oferece um elo entre o brincar da criança e o escrever criativo,

A ocupação favorita e mais intensa da criança é o brinquedo ou os jogos. Acaso não poderíamos dizer que ao brincar toda criança se comporta como um escritor criativo, pois cria um mundo próprio, ou melhor, reajusta os elementos de seu mundo de uma nova forma que lhe agrada? Seria errado supor que a criança não leva esse mundo a sério; ao contrário, leva muito a sério a sua brincadeira e despende na mesma muita emoção (p. 149).

E com Ricardo Rodulfo seguiremos a pensar nesta paisagem que se faz entre o brincar da criança e os traços no papel do escritor. Rodulfo (2004) nos oferece a partir de Winnicott a noção de sequência, como algo de uma potência da criança que permite um deslocamento de diferentes posições produzindo diferentes efeitos, “Winnicott estabelece a possibilidade de construção de uma sequência como um ganho psíquico fundamental, pleno de implicações patológicas quando falha ou fracassa” (Rodulfo, 2004, p. 15). E ainda afirmam os autores que o primeiro lugar onde a criança tem a possibilidade de criar suas sequências é no campo do brincar.

Assim, tanto as sequências do brincar quanto as diferentes versões que aquele que escreve dá para suas histórias, ou mesmo a sequência de frases e palavras num texto nos convocam a uma “leitura” dessas escritas em diferentes superfícies. Pensamos que o brincar da criança e o escrever do escritor sempre está em devir, como afirma Deleuze (1993/1997), cuja prerrogativa é estar sempre inacabado, extravasando a matéria vivível ou vivida.

Devimos muitas coisas enquanto escrevemos, assim afirma a escritora Rosa Montero (2003/2007) “sabemos que dentro de nós somos muitos” (p. 28). Como psicólogos (as) percebemos que as crianças em seus jogos sabem e vivem esses diferentes personagens que as habitam. Quando crescemos perdemos muito desta capacidade de sermos vários, deixamos de nos encontrar com os outros que nos habitam e a escrita pode ser um dispositivo de re-encontro com esses outros.

Esse trabalho de acompanhar processos de escrita, de aceitar a escrita também como superfície de inscrição subjetiva é clínico, no sentido de *clinamen*, pois entendemos que é “na afirmação do desvio” que permite o encontro, “que a clínica se faz” (Barros e Passos, 2001, p. 93). A clínica como desvio que nos levará em direção aos agenciamentos², uma clínica atenta às emergências dos devires (aquilo que está por vir) e do trabalho com as potências do ser, com aquilo que lhe sobra e não com o que lhe falta. Propomos uma escuta clínica debruçada sobre os processos de escrita que não sufoca os sujeitos, mas que se afaste para poder enxergar outras coisas, e também deixe vir, sem julgamentos, aquilo que o outro puder em seu momento. Não uma clínica de interpretações daquilo que os sujeitos puderem escrever, mas uma clínica de acolhimento dos outros que habitam aquele outro que nos veio falar. Um acolhimento do papel *também* como superfície de inscrição (Rodulfo, 2004).

Em alguns momentos inventamos a partir do que se oferece como tarefa clínica. Inventamos um fazer a partir de experiências prévias, de enlaces teóricos com os quais forjamos ferramentas para o trabalho de escuta do (a) psicólogo (a). E a escrita pode entrar como dispositivo mobilizador de processos. No trabalho com adolescentes o texto escrito ou a escrita de um texto pode ser uma abertura possível que nos permita um genuíno encontro. Tomemos, então, novo caminho, nova linha, que desvia para novas paisagens que apresentam formas de intervenções clínicas forjadas e costuradas a partir dos encontros com a escrita.

Linha A: 1º desvio – cuidar do corpo da escrita

Ao desviar deparamo-nos com uma nova paisagem que começa a se formar: delineiam-se formas humanas, ainda adolescentes, em meio ao odor forte do grande prédio hospitalar feito de labirintos. Em um beco destes, descobrimos uma sala. Era um encontro com um grupo de meninas adolescentes e preparamos para este dia uma grande folha de papel pardo e as convidamos para escrever uma história.

² Agenciamento ou dispositivo: é uma montagem ou artifício produtor de inovações. Os dispositivos, geradores da diferença absoluta, produzem realidades alternativas e revolucionárias que transformam o horizonte considerado do real, do possível e do impossível (Barembliitt, 2002, p. 135).

Deixo as primeiras letras na folha: “Era uma vez...”³ O grupo já toma a frente: “uma menina que se chamava Emili... e aconteceu uma coisa com ela”. As meninas que compõem o grupo têm em comum a marca do abuso sexual e é por conta disso que estão em atendimento. Uma delas, Bianca, inicia recusando-se a escrever. Ofereço-lhe, então, a possibilidade de eu escrever o que ela quiser acrescentar na história. Ela se mantém longe um tempo, mas em seguida tomada pela narrativa de outra menina, pega uma caneta, entrega-me e diz: “tu escreve, eu vou contar a minha história”. Senta-se a observar-me escrevendo e narra sua vida. Bianca fala num tom pesado e monocórdio. Há muita dor ali, e há uma entrega também, não só para mim, mas para o grupo. Ao final, quando já não sobrava mais muito de mim para sustentar essa escrita e essa entrega, ela diz: “é a primeira vez que eu conto a minha história assim”. Era também a primeira vez que eu escutava uma história assim.

O que foi aquilo? O que foi possível ali? Ousamos pensar que agenciamos um encontro de Bianca com a sua própria história, porque deixamos que todos os horrores (os afetos e as marcas) viessem e tivessem um lugar naquela história. Ainda que fosse difícil, naquele momento, ela mesma escrever.

Quando escrevemos afirmamos nossa existência, forjamos um lugar para existir. O que nos leva de encontro a um paradoxo contemporâneo, ainda que já não mais nos ocupemos com a resolução deles, mas sim em operar com as forças que emergem dele. Em tempos líquidos (Bauman, 2000/2001) a quem interessa deixar um registro que permaneça? Uma jovem adolescente cujos amores fazem e desfazem-se, bem como suas tentativas de relacionar-se com sua família, deseja registrar sua própria história, deseja uma marca que permaneça e se transforme em livro para que ela possa levar consigo e mostrar às pessoas. O desejo de Bianca fazer seu livro, então, se cola a um livro já escrito por outra adolescente, Esmeralda Ortiz cujo livro *Por que não dancei* (2001) levamos para ler com as meninas. Desejo esse que mesmo atravessado pelo ato das pesquisadoras levarem o livro, não deixa de ser legítimo, e assim transformamos a história escrita pelas meninas em um livro encadernado com imagens do texto em papel pardo e prefaciado pelas pesquisadoras. O texto pode ser pensado aqui como uma espécie de corporificação do sujeito, algo do invisível que o constitui e que escapa da invisibilidade naquilo que escreve. Tomaríamos este corpo como o sagrado daquele ser que o escreve, o corpo da escritura do sujeito. Pensamos que nem todas as escritas podem ser escrituras, mas estas que tomam lugar de habitação são escrituras, naquilo que evoca Derrida (1967/1971) não apenas ao gesto de escrever, mas algo da totalidade possibilitada por essa inscrição, a essência e o conteúdo dessas atividades mesmas. O texto, construído-forjado como espaço que se habita, pode ser um corpo através do qual dialogamos com nossos fantasmas (Cragnolini, 2008). Percebemos que a escrita, especialmente a narrativa, quase inevitavelmente nos revela. Com ela são possíveis elaborações às vezes resistentes a outros caminhos. A escrita possibilita certa leveza de poder falar de si através de um corpo que inventamos para protagonizar uma história. Inventamos um corpo, forjamos uma história e nos deixamos nela.

O que importa nessa construção não é a “verdade” da história que o sujeito deixa nela, importa que ele possa deixar algo, e que consigamos acompanhá-lo neste processo de escrever. Não buscamos “a verdade” da história do sujeito, nem o questionaremos quanto aos fatos. Há muito a psicanálise nos ensinou que aquilo que nos interessa é a versão do sujeito sobre o fato. Esta é sua verdade, que fica inscrita no corpo (Mees, 2001), e é esta que importa aparecer.

Colocar em jogo a escrita, arriscar a letra é deixar brotar os sentidos possíveis daquele momento. Habitar um corpo que traja uma determinada veste, vestir as ideias com roupas novas. Quando relemos

³ O relato aqui apresentado advém de uma leitura das produções realizadas por adolescentes durante a pesquisa CNPq (Edital 33 de 2008) “A construção identitária na adolescência em contextos violentos na perspectiva da Clínica em Saúde Mental” em que a primeira autora foi bolsista de Iniciação Científica.

algo que escrevemos há muito tempo é possível nos surpreender com o escrito e ter a sensação de que não fomos nós que escrevemos. Como se aquela roupa com a qual outrora trajamos aquelas palavras já não servissem mais. Do mesmo modo isso que escrevemos hoje sobre a escrita pode perder esse sentido daqui a algum tempo.

A escrita possibilita a releitura, o registro, ao qual se poderá voltar e assim contestá-lo e escrever novos textos, vestir a escrita de novas roupas. Roupas estas que tanto a menina Bianca em seu texto como nós neste texto precisamos costurar, inventar, porque não se encontram prontas. Essas vestes podem ser como as máscaras das quais fala Rolnik (1989), aquelas máscaras que colocamos em determinado momento, daquele repertório que já conhecemos, e por vezes perdem oxigenação afetiva e goram, não nos servem mais.

Escrever, então, é forjar novas vestes, novas máscaras, entregar-se a experiência. Inspiradas por Michel Serres (1997) pensamos que a experiência de escrever é como entregarmo-nos a um rio, completamente nus, ao domínio da margem à frente, assim estamos aprendendo uma coisa mestiça, largados num meio branco onde não existe sentido, mas onde se pode encontrar todos os sentidos.

Linha B: 2º desvio - sala de aula, oficina de escrita

É no mergulho proposto por Serres que seguiremos a pensar. Uma nova paisagem se forma em meio à formação de psicólogos. O que será possível no encontro de estudantes de Psicologia com a escrita? Essa pergunta só foi possível a partir de uma “perturbação” que se atravessou no caminho desta escrita. Algo que provocou uma mudança dos rumos, que eu já acreditava previsíveis a certa altura desta produção.

Como geralmente ocorre nas viagens (e na vida), por diversas razões, algumas rotas se alteram. A princípio buscava na memória de experiências já vividas e escritas há algum tempo o material para este trabalho. Mas, durante a sua produção recebo um convite de minha orientadora para pensar e fazer com ela uma oficina de escrita com os alunos de uma das disciplinas que ela lecionava. E numa última combinação, cerca de uma hora antes de iniciarmos a oficina ela diz: “eu pensei que tu podias tomar a frente, fazer a oficina do teu jeito, dar a tua cara para ela, eu fico ali em segundo plano, mas tu coordenas, pode ser?”. Sim, é claro que pode ser!

Cerca de trinta colegas meus sentam em círculo e olham silenciosos. Ganho permissão para tomar a frente, eu coordeno a oficina em primeiro plano, num segundo plano, estou respaldada pela professora (e orientadora) que me acompanha e autoriza a ocupar esse lugar. Feitas as apresentações, e liberando-me do intento de dar uma aula sobre a escrita, inicio com a pergunta: O que é a escrita para vocês? Vou anotando as palavras no quadro: exposição, alguém diz. Sim, estou ali, exposta, entregando-me a uma turma que ao mesmo tempo se interessa e se fascina e me testa. Ainda sou colega, não sou professora. Outro paradoxo: apesar disso me sinto bem ali, não temo os olhares nem os silêncios, nem as perguntas. Exponho-me. E eles também se expõem, ao dizer o que pensam sobre a escrita. Responsabilidade, uma aluna diz. Sim, imensa responsabilidade de tomar essa frente, um trabalho: agenciar (provocar) processos de escrita. Responsabilidade de deixar marcado o efeito de um trabalho em um texto, algo que será lido por outras pessoas e sabe-se lá o que vão entender daquilo que escrevemos. “Quando não é trabalho é divertido” – outro alguém diz. Escrever nem sempre é divertido, especialmente porque escrever dói. Pois “não há como ficar indiferente à ação de inscrever-se e, depois, entregar-se ao outro – às outras pessoas – para ser lido, tocado, avaliado, percebido nas suas imperfeições e limites” (Baptista, 2003, p. 126).

Do enlace de cada uma das palavras falamos um pouco mais sobre o escrever. Lembro com Marques (2001) que as conversas e os textos podem se parecer e que, tal qual conversa, um texto precisa de um assunto para nascer, e pode ser qualquer assunto, assim como qualquer assunto inicia uma conversa. E então digo que havíamos pensado num “assunto”, numa isca para dizer como Clarice Lispector (1998) porque “então escrever é o modo de quem tem a palavra como isca: a palavra pescando o que não é palavra” (p. 295). Um agenciamento poético. Provocamos com Fernando Pessoa (1930/2007) e o poema: *Grandes são os desertos e tudo é deserto*:

Grandes são os desertos, e tudo é deserto. / Não são algumas toneladas de pedras ou tijolos ao alto / Que disfarçam o solo, o tal solo que é tudo. / Grandes são os desertos e as almas desertas e grandes / Desertas porque não passa por elas senão elas mesmas, / Grandes porque de ali se vê tudo, e tudo morreu. / Grandes são os desertos, minha alma! / Grandes são os desertos (p. 184).

Na voz de Paulo Autran que entoava o poema habitamos um deserto por vezes árido de letras, onde as palavras habitavam os olhos arregalados e surpresos, os movimentos corporais, os suspiros. Mas também povoado de afetos e provocador de afecções⁴ nos corpos ali presentes, visto que havia movimento. Silenciados, escrevem até que uma voz corta o silêncio: “então eu leio!”. E eis que surgem as afecções provocadas pelo encontro do ser com o poema:

Eu não sei muito bem o que ouvi. Do que ele falava mesmo? Mala, ter que arrumar a mala, deixar a realidade pra lá. Querer fazer outras coisas... de seus sonhos, será? Não sei... acho que falava do que estava a fim, sem muito lugar para chegar, apenas falava e falava. De arrumar-se, talvez de dar conta de algo, algo que queira muito, ou pouco. Só sei que ele falava. Falava com alguém? Para uma plateia, para mim, para quem quisesse ouvir, para si mesmo... (Aluna 1⁵, escrito de oficina, 03 de setembro de 2010).

Eis aí a conversa vadia (Marques, 2001) do texto, a proposta que fizemos. Não há regra que defina melhor modo de escrever, mas o que pretendíamos provocar era isto, que eles escrevessem. Num escrever de quem fala consigo mesmo, de quem não sabe o que dizer e escolhe qualquer ponto para começar. Pois os textos não nascem prontos, nascem imperfeitos, iniciam pelo meio. E queríamos propor o escrever como inauguração do próprio pensar (Marques, 2001), coisa que não começa necessariamente por um começo, nem tampouco traduzindo o que outro havia pensado ou dito. A ideia de escrever era chamar um leitor para bem de perto, que imaginariamente sentar-se-ia ao nosso lado, e aí começaríamos a conversar.

A partir desta conversa vadia, que vai saindo sem rumo, com as vírgulas tortas, é que poderemos fazer desenferrujar o nosso fluxo de escrita. Assim percebeu Rolnik (1993b), segundo ela quando começamos a escrever é como se abrissemos uma torneira velha e enferrujada, as palavras saem aos poucos, como que engasgadas por essa vertente bloqueada. E então nos resta deixar a torneira aberta, seguir a escrever, para que a água corra, levando as ferrugens embora e liberando o encanamento da escrita.

⁴ Esta ideia das afecções está na obra de Espinoza e se refere a “um conhecimento afetivo e uma prova vivida, quer dizer, uma modificação positiva ou negativa do sentimento de existir em relação com os acontecimentos favoráveis ou desfavoráveis que marcam as relações do indivíduo com o mundo exterior” (Rizk, 2006, p. 96).

⁵ Os alunos participantes da oficina consentiram a apresentação dos textos, aparecem aqui com numerados para preservar a identificação.

A conversa vadia em texto fora liberada e dela podíamos partir para a escrita do caso clínico, cujas palavras que surgiram assemelhavam-se as que haviam surgido sobre a escrita. Sublinho uma das novas palavras que surgiram: implicação. Implicação é a análise que se faz a partir daquilo que nos coloca sempre em relação ao que fazemos. O que é nosso, ou aquilo que somos, está sempre colocado naquilo que fazemos. Portanto, nunca ficamos de fora de nossos escritos (especialmente quando narramos), mesmo quando escrevemos pretensamente neutros, pois a neutralidade também é uma posição, e nunca é plena, afinal o sujeito sempre escapa e encontra modos de aparecer, visto que é governado pelas instituições e pelo inconsciente.

Quando alguns afetos emergem das experiências e precisam de contorno, território, para que possamos nos apropriar deles, escrever alivia a desestabilização que eles nos provocam. É na formação destas tensões que chegamos a nossa próxima linha, terceiro desvio da clínica.

Linha C: 3º desvio – por uma escrita de afecções

Ainda em sala de aula, fazemos a proposta para os alunos escolherem uma cena clínica que os tenha marcado por alguma razão. Pensam e escrevem, retorcem-se nas cadeiras, suspiram. Alguns baixam a cabeça sobre o escrito e parecem entrar nele, dobram-se sobre si mesmos? (Foucault, 1984/1985). Quando fazemos a proposta de leitura, poucos conseguem oferecer seus escritos para o grupo, mas alguns se arriscam:

Escrever para pensar... o caso clínico.

Os conflitos parecem ser recorrentes. Por onde começar a compreender os nós que por vezes se formam para tempos depois se por em movimento, ficarem velados, escondidos, se desmanchar. Para logo em seguida, em outros momentos, em outros lugares e entre outras pessoas se formar? Os conflitos parecem transitar entre aquele grupo. Eles parecem ser da ordem do afeto, por vezes surgem da disputa de território refletida na divergência de opiniões, declaradas ou veladas. As relações parecem ser sensíveis. É preciso cuidar com o que se fala, pois a ressonância da fala no grupo causa comportamentos diversos. Não sei se há ciúme, percepção de traição, falta de confiança ou apenas opiniões divergentes. Que elementos compõem os conflitos? (L.W, escrito de Oficina, 03 de setembro de 2010).

Desde aí fomos descobrindo as diferenças de estilo que compunham aquele grupo, alguns narraram a história do paciente antes de chegar ao atendimento. Outros como a colega do texto acima, nos colocaram em meio à cena clínica, nos fizeram sentir o frio na barriga, o tremer das pernas diante dos encontros com os pacientes. Talvez aí resida o que há de mais precioso no trabalho clínico: nunca sabemos o que irá acontecer, o que nos dirá neste dia o paciente, se ele virá ou não, quais serão as ressonâncias dos grupos. Mas algo ficou no ar enquanto estas escritas eram lidas. Em todas havia implicação do (a) terapeuta que escrevia, desde um lugar de quem escutava algo, questionava-se sobre o que estava escutando, que se permitia narrar a si mesmo, desde sua posição clínica.

Como dissemos no primeiro desvio, não há uma verdade que se espera encontrar na escrita de um caso clínico. A escrita do caso clínico é sempre uma ficção (Nasio, 2001), uma narrativa na qual mentimos, nos enganamos, inventamos (Montero, 2003/2007). O próprio Freud relata surpreender-se ao constatar que suas observações de pacientes poderiam ser lidas como romances. Para Juan-David Nasio (2001) o caso clínico é:

Um texto que, através de seu estilo narrativo, põe em cena uma situação clínica que ilustra uma elaboração teórica. É por essa razão que podemos considerar o caso como a passagem de uma demonstração inteligível a uma mostra sensível, a imersão de uma ideia no fluxo móvel de um fragmento de vida, e podemos, finalmente, concebê-lo como a pintura viva de um pensamento abstrato (p. 11).

Os trechos que seguem são efeitos dessa experiência, os estudantes que participaram da oficina foram convocados, na sequência da disciplina, a escrever um caso clínico, como trabalho de aula. Os trechos em itálico são pequenos fragmentos desses escritos que, com a permissão das respectivas alunas, são reproduzidos aqui para seguirmos nosso pensamento.

Entro na sala da psicologia, onde meu colega de estágio Pedro está lendo algo. Ele me olha e franze a testa numa expressão de espanto e isso me dá mais vontade de chorar. Conto que a sessão foi difícil, mas é óbvio que isso não quer dizer nada. Fico na dúvida se conto para ele o que aconteceu, não quero expor a paciente, mas preciso falar. Saio um pouco mais aliviada, principalmente por ninguém ter me visto. Tenho certeza que, se alguma psicóloga me visse, não sairia dali até contar minuciosamente a situação, o que eu disse, o que eu fiz, e ouviria apenas que preciso levar isso para terapia e rever a possibilidade de trabalhar com clínica. Será que só elas fariam esse questionamento, não eu? No caminho de casa, no ônibus, sinto dores no rosto de fazer força para não chorar (Aluna 2, escrito de Oficina, 03 de setembro de 2010).

Neste texto a aluna deixa suas dores, aquelas que não pode chorar, nem pode contar à sua supervisora. Dor de quem atende, dor de quem conseguiu escutar. Em tempos de grandes dores o registro escrito dos afetos pode aliviar. Queremos nos libertar daquela sensação que fica quando o paciente sai do consultório, queremos por em algum lugar, tirar de nós, não mais sentir. Ou ainda, encontrar um lugar... “Mas, de que nos libertamos? Da prisão, prisão da linguagem, inclusive aquela que enclausura o pensamento nas significações estabelecidas em detrimento dos sentidos” (Lins, 2009).

O texto da colega me chamou a atenção, quase gritou entre todos, era um pedido de ajuda: “Escrevo isso numa segunda tentativa de colocar para fora de mim essa situação” (escreveu ela ainda no mesmo texto). Sem saber onde em si poderiam caber os sofrimentos que escutava da paciente, ela habitou a escrita. Não era apenas um relato de fatos acontecidos, era um relato de afetos, de uma terapeuta que sentia a transferência, deixava seu corpo vibrar com os afectos nascidos no encontro com sua paciente.

Afecto é da ordem do desejo, ao qual nada falta: nem falta nem excesso, nem falta da falta, é o conatus de Espinosa. Afeto é da ordem do trauma, da falta, da demanda constante de amor, é uma produção psicológica de um sujeito atrelado à árvore, à origem, à estrutura, ao começo e ao fim. É o sujeito linear por excelência. O afecto e não a afetividade, gera uma leitura-outra, outramente. A produção de sentidos e não de significados – representações calcinadas – é algo inserido na singularidade do sujeito multifacetado: sujeito em devir que tenta interrogar o silêncio de uma escrita dominada pela linguagem (Lins, 2004).

Um relato de afectos que deserta de uma escrita neutra e permite uma entrega, o que foi que pudemos produzir aí? Psicólogos (as) também podem sentir dor. O que nos leva ao relato de outra estudante:

Por inúmeras vezes me senti agredida com seus relatos, saía do atendimento como se tivesse levado uma surra, com o corpo cansado, sobrecarregada, irritada, mas ao mesmo tempo ansiosa pelo próximo encontro. (...) Quando soube que S. estava de

alta, senti-me aliviada por não ter mais que ouvir suas histórias, por não mais me sentir cúmplice de sua violência diária, por não me sentir mais violentada. (Aluna 3, escrito de Oficina, 03 de setembro de 2010)

Este relato nos moveu à poesia: “Eu sustento com palavras o silêncio de meu abandono” diz Manoel de Barros (2010, p. 51). Às vezes é preciso recorrer aos poetas para inventar novos sentidos para o mundo. Mesmo que sejam efêmeros como vôos de passarinhos. O poeta Manuel de Barros (2010) nos põe a pensar: o que se pode sustentar escrevendo?

Ao escrever alguma coisa, ao escolhermos escrever, o que se passa aí? É possível pensar que para cada um de nós humanos esse ato tenha um sentido diferente. Mas aqui escolhemos partir da escrita como uma espécie de habitar. Um habitar do modo como for possível em cada momento. Quando escrevemos habitamos um espaço, uma folha em branco, uma linha do caderno, a linha inexistente da tela do computador, que só será marca “real” depois de impressa. Mas não importa a forma desse espaço se, de todo modo, o habitamos. Escrevemos, desenhamos, deixamos marcas. Inventamos um espaço para ser, deixar nosso rastro, nossa ideia, nosso desejo, nossa marca, que é, portanto, um modo de subjetivação de si.

Foucault não emprega a palavra sujeito como pessoa ou forma de identidade, mas os termos “subjetivação”, no sentido de processo, e “Si”, no sentido de relação (relação a si). (...) Trata-se de uma relação da força consigo (ao passo que o poder era a relação da força com outras forças), trata-se de uma “dobra” da força. Segundo a maneira de dobrar a linha de força, trata-se da constituição de modos de existência, ou da invenção de possibilidades de vida que também dizem respeito à morte, a nossas relações com a morte: não a existência como sujeito, mas como obra de arte. (Deleuze, 1990/1992, p. 116).

Vemos aparecer na escrita das alunas que escrever dói, porque nos faz necessariamente “passar pelo escuro do invisível e pelo mal-estar das marcas que aí reverberam” (Rolnik, 1993a, p. 75). Porque o (a) psicólogo (a) também sente aquilo que se passa nos encontros com seus pacientes. Aquilo que nem sempre sabe nomear, mas que percebe, e muitas vezes é orientado a mostrar-se neutro, indiferente.

Quem sabe a oficina de escrita e o escrever possibilitaram ali naquele dia para essas pessoas um autorizar-se a expressar o que sentiam? Legitimando tal expressão como uma atitude ética ao trabalhar com o outro na produção de alteridade? A oficina tornou possível criar um espaço que desse contorno à experiência e a abertura de um lugar “fora de si” (a folha) no qual fosse seguro habitar e registrar os afectos da experiência vivida. Assim fez outra aluna:

Imagine um feno sendo levado pelo vento, bailando com impulsos induzidos, para todos os lados, por vezes tocando algum portão de uma rua estreita, outras perdido na imensidão de um deserto. (...) Neste texto apresento-lhes Diana, um destes fenos que o vento leva pelas ruas desta cidade. Um feno, pois fora de seu próprio tempo, ainda assim poucos tem consciência de seu nome. Fora de seu mundo, ela vaga e rola a cada tombo pelas calçadas, em meio aos arranha-céus ela destoa com suas vestes sujas e aparência envelhecida (Aluna 4, escrito de Oficina, 03 de setembro de 2010).

Escrever é um recurso, uma possibilidade de habitar, de criar uma morada para esses afetos, mesmo provisória, mas de alívio. Perguntamo-nos: a oficina de escrita possibilitou agenciar esse processo? Os alunos e estagiários de psicologia puderam forjar um espaço para sentir? O texto então se transforma em certa materialidade, um corpo que podemos usar para fazer dançar os fenos e as dores da nossa

profissão. Quem sabe alivie e ainda ajude a pensar? Quem sabe escrever um texto possa ser outro modo de escutar? Na experiência com estagiários, especialmente, ser um modo de escutar a dor de quem está aprendendo a escutar a dor do outro. Uma distância para inventar esta ficção que é a escrita do caso, como afirma Nasio (2001):

O caso clínico resulta sempre de uma distância inevitável entre o real de que provém e o relato em que se materializa. De uma experiência verdadeira, extraímos uma ficção, e, através dessa ficção, induzimos efeitos reais no leitor. A partir do real, criamos a ficção, e com a ficção, recriamos o real (p. 18).

Nesse jogo entre a vida e a ficção que fazemos dela, fazer clínica é detectar e, também, criar situações-dispositivos que incomodem, façam tremer o campo subjetivo. Provoquem os sujeitos em sua capacidade de acolher e aceitar os estranhos que se apresentam. Para dizer como Foucault (1984/1985) o importante é vergar o lado de fora em exercícios práticos.

A escrita pode ser uma importante forma de fazer visível, especialmente o trabalho psi, questão que é sempre difícil para nós, dar um corpo, uma materialidade ao nosso trabalho. Entretanto, nem sempre começar a escrever é tarefa simples. Num primeiro momento, é comum uma dificuldade de começar a escrever, de largar as primeiras letras, às vezes sem sentido, sobre a folha em branco. Nem sempre é possível habitá-la logo de início. Porque nem todos nós conseguimos escrever. Nem todos nós conseguimos deixar nossas ideias no papel. Deleuze (1993/1997) nos ajuda a pensar no que se passa frente à folha em branco.

O pintor não pinta sobre uma tela virgem, nem o escritor escreve sobre uma página branca, mas a página ou a tela estão já de tal maneira cobertas de clichês preexistentes, preestabelecidos, que é preciso de início apagar, limpar, laminar, mesmo esotraçalhar para fazer passar uma corrente de ar, saída do caos, que nos traga a visão (p. 262).

A dificuldade de escrever pode acontecer pelo excesso de palavras e não pela falta delas? Isto pode ser provocado também pela própria formação? Há tantos mandatos que fica difícil pensarmos na originalidade de uma produção escrita. Lemos tanto, estudamos tanto e somos orientados a sempre referenciar o autor que evocamos, a citá-lo na íntegra, a não esquecer as páginas, o ano. E o nosso pensamento, fica aonde? Haveria um lugar para ele estar? Podemos escrever? Tais perguntas nos carregam também à outra estação. Subamos no trem outra vez, vamos partir!

Estação da Luz: do cuidado de si à autoria de si

Ao descer nesta estação vemos uma paisagem densa, um emaranhado de linhas se reúne, em formas desconexas. Onde desembocaremos? Será a outra margem do rio? Aquele do qual nos falava Serres? A paisagem ainda é disforme ou talvez se assemelhe a uma interrogação: O que podemos aqui? Lancemos uma luz sobre esta nova paisagem.

As escritas apresentadas ao longo das estações anteriores podem ser tomadas como escritas de si, naquilo que Foucault (1983/2010) denominou técnicas de cuidado de si, cultivadas na história grego-romana, como exercício para aprender a arte de viver (Palombini, Barboza, Fick e Binkowski, 2010).

Diante da vertiginosidade à qual nossa existência contemporânea está submetida, o tempo todo bombardeados pela mídia, por desejos de consumo que não dominamos, por tudo que nos preenche deixando um vazio de não saber bem quem somos, há que se inventar um tempo para que o sujeito possa escutar-se, re-valorizando o lugar da palavra e do relato (Fernández, 2007).

E a escrita de si pode entrar em cena para permitir a posse de um passado, um ponto fixo que dominamos, um saber de si, algo que nos constitui, nos tranquiliza por saber que a ele podemos voltar. Diferente da avidez intranquila, dispersa e incerta do futuro como diz Foucault (1983/2010). Para o (a) psicólogo (a) a escrita pode também ser a apropriação de seu fazer e a criação de um corpo para seu campo teórico, pois, há sempre algo de invenção a cada vez que atravessamos a porta ao encontro dos seres que nos procuram. Ao deixar o registro escrito daquilo que produzimos nesse encontro podemos fazer um território, ainda que muitas vezes em terrenos instáveis, de nossa produção, de nosso modo de estar psicólogo (a) naquele momento. Como também nos possibilita um distanciamento ao perceber os afetos deste encontro fora de nós (no papel, na tela do computador).

A oficina de escrita pode, então, funcionar como um agenciamento, um encontro das pessoas com sua capacidade de escrever, de inventar um possível e surpreender-se com seu invento. Bem como esse distanciamento dos afetos que ficam no papel, o que permite olhá-los desde outro lugar. Permite também que outros nos escutem e que escutemos os outros em nossas semelhanças nos afetos sentidos e diferenças no estilo de escrever.

Tudo isto também se refere ao nosso trabalho enquanto psicólogos (as), naquilo que entendemos ser nossa tarefa clínica que não está em julgar a escrita ou o modo de estar no mundo dos sujeitos. Nossa clínica está em acompanhar os processos, sinalizá-los. É como se cada sujeito fosse um emaranhado de coisas, de linhas que o envolveriam, dos amores, do trabalho, da relação com os amigos, a família, os livros, a escola, o corpo, a sua biologia, o tempo, a história... Essas linhas passariam pelo corpo do sujeito, o constituiriam, o sujeito se faria e desfaria nelas para logo refazer-se, todo tempo. Nossa clínica pode consistir em ver e sentir esse emaranhado, levantar algumas linhas quando percebemos que é possível, atentar aos seus movimentos, à capacidade do sujeito de envergar-se sobre si mesmo (Foucault, 1984/1985). O trabalho do (a) psicólogo (a) consistiria em acompanhar esses processos, perceber as mudanças em sua capacidade de expressão da própria vida, por vezes emprestar palavras. Por vezes acolher, deixá-lo ficar num espaço vazio, protegido do mundo. Assim também pode ser o trabalho de propor uma escrita. Seria como oferecer um lugar para o outro:

Lugar este que desde sempre já seria dele –, abrindo portas e janelas para sua visitação, oferecendo o melhor cômodo e a melhor comida, garantindo-lhe um espaço de habitabilidade, ou seja, um ethos, uma morada confiada e serena onde ele possa renovar-se para retomar suas dores no mundo (Freire, 2003 p. 14).

Um lugar que possa oferecer minimamente essa serenidade, sem impedi-lo de ver-se em sua finitude, habitando a tragicidade do mundo (Freire, 2003). Um lugar onde o sujeito possa cuidar de si (Foucault, 1984/1985), aliviar-se, recompor-se, para voltar a enfrentar o mundo (Freire, 2003, p. 14). A folha em branco poderia ser este espaço, de criar a si e para si que é narcísico no sentido que Tiago Marcelo Trevisani (2009) nos apresenta, o cuidado de si para poder voltar-se ao outro, em tudo aquilo que se apresenta ameaçador nesse contato. Como uma ilha deserta (Deleuze, 1968/2006) povoada de faunas e floras, e que, portanto, não é deserta de seres, mas está desertada, retirada do caminho comum dos navios e barcos. Ilha na qual habitaríamos para nos renovar e depois poder retornar ao encontro com o outro, com aquele paciente tão difícil de atender, por exemplo. A escrita é um instrumento privilegiado de

escuta de si mesmo, do trabalho com as marcas que os ares do tempo imprimem em nosso corpo afetivo (Rolnik, 1993b). A escrita nos ajuda a ouvir essas marcas:

Ela nos guia na busca das palavras que vão tornar o mais dizível possível aquilo que nos marca no indizível, ela nos acompanha em nosso esforço para criar territórios que incorporem aquelas marcas, e neste caminho em que fazemos a passagem do invisível para o visível ela generosamente nos oferece um leque de cartografias possíveis. A escrita é um dispositivo de efetuação do devir, é o devir que a move e é para o devir que ela nos move (Rolnik, 1993a, p. 75).

Neste devir que a escrita possibilita é que podemos pensar também outro sentido que se aproxima ao cuidado de si. Rolnik (1993b) traz a ideia de que a escrita trata as “marcas-ferida”, aquelas cuja experiência produz em nós certo estado de enfraquecimento de nossa potência de agir, que de alguma forma nos intoxica, podem encontrar na escrita outro sentido (Rolnik, 1993b), nova possibilidade e novo lugar para caber em nós. O que equivaleria a dizer: tratar-se no escrever.

Tal possibilidade nos remete aquilo que Maturana e Varela chamam de autopoiese, eles afirmam que “os seres humanos se caracterizam, literalmente, por produzirem-se continuamente a si mesmos” (citado em Kastrup, 2007, p. 84). Pois:

O sistema vivo é um sistema cognitivo em constante movimento, em processo de auto-produção permanente, autopoietico. A fórmula proposta é: SER = FAZER = CONHECER. Quando o vivo se define como sistema autopoietico, seu operar confunde-se com o próprio processo de criação de si (Varela, 1988, citado em Kastrup, 2007 p. 146).

Este fazer-se movimenta também uma morte. Um morrer-se naquelas palavras que ficam escritas. Um morrer da sensação tão viva que um relato falado sempre nos trás. Um morrer de quem éramos antes de escrever, para deixar vir este novo que se faz junto à escrita.

Neste ponto uma nuvem escura encobre nossa paisagem. Pairam sensações densas e até, de certo modo, sufocantes. Estéticas não se fazem apenas em tons de colorido intenso. Há sempre uma escuridão em algum recanto de nós. Ali habita um de nossos eus que se debate na múltipla valência das sensações. Despedidas e autorias de si implicam necessariamente em alguma morte. Há até quem diga que todo escritor sempre escreve contra a morte (Montero, 2003/2007).

É nessa imanência de fazer morrer para nascer-se novo que alcançamos autoria. Autoria de si, permitir o devir, o novo, o inesperado, desprender-se do que somos agora. Uma “passagem para autoria” (Machado e Gianella, 2000) é certo preparar-se para perder:

Perder o medo, perder o poder, perder a ascendência, perder o controle, perder a supervisão do escrito que um dia parecia tão íntimo e tão completamente meu ou teu. Meus escritos, teus escritos, se soltadas as amarras ao corpo do seu produtor, sobreviverão a meu tempo e ao teu. Pareciam feitos para que nos tornássemos imortais, mas eis que ganham, de repente, o direito de nos abater. Dispor-se a perder, dispor-se a morrer, eis uma exigência para quem quer fazer passagem para autoria (p.78).

Ao caminhar na direção da invenção de si pela escrita inventamos também o mundo (Kastrup, 2007). Neste caso, um mundo de fazer psicologia, de múltiplos olhares ocupados em desprenderem-se dos

sentidos prontos, em constante processo de vir a ser. A escrita tem também esse caráter incontrollável: ao começar a escrever nunca sabemos por qual caminho o texto irá, o que também nos aproxima dos processos terapêuticos que acompanhamos.

Nisto reside nossa autoria, autoria de si enquanto profissionais, psicólogos (as) que temos algo a dizer sobre o que fazemos, pensamos e estudamos, porque a escrita convoca o trabalho do pensamento (Rolnik, 1993a). Escrever para pensar, navegar pelos mares desconhecidos de nossa própria experiência (Marques, 2001), lançarmo-nos ao encontro com o que ainda não sabemos ou estamos em vias de “diferir” (Deleuze, 2002/2008) e ao mesmo tempo ser reconhecidos pela coletividade que nada neste mesmo mar. Autoria também é o processo de marcar o seu lugar no mundo, neste caso, na comunidade psi, já composta por uma larga história que nos antecede.

Isto que há de nós na escrita é o que há de sagrado numa escritura. O que não se relaciona ao intocável. Uma escrita é posta em jogo para ser lida, destruída, reconstruída, perdida, encontrada. A escrita fica à deriva, nesse mar de tantos sentidos que há no mundo. Outros virão e tomarão nossa escritura como quiserem. Não é isso que fazemos com os escritos de Freud, Lacan e tantos outros? E algo de ser autor reside justamente neste ponto, naquilo que sabemos que vamos perder, naquilo que gostaríamos que ficasse intocado, ali onde também habita nosso narcisismo. Um narcisismo como estratégia contemporânea de cuidado de si (Trevisani, 2009), por isso ainda muitos de nós escrevemos e apenas conseguimos guardar o que produzimos. Porque tornar-se autor também é preparar-se para ser roubado, no sentido que evocamos com Deleuze e Parnet (1977/1998) que se refere à dupla-captura instalada no ato de roubar para a criação do novo.

Uma experiência tão íntima como a de escrever sobre um caso clínico revela uma forma de fazer própria a clínica, aquilo que seria nosso, que somos nós enquanto profissionais. Tal desejo de manter-se como está pode mover-se com outro desejo, aquele de deixar um legado para quando não estivermos mais aqui.

Podemos evocar também nuvens mais brandas para aliviar a tensão desta passagem. A isto que se faz no escrever, também podemos nomear como jogar. Segundo Alicia Fernández (2009) jogar é necessário para pensar com autoria e é neste ponto que retomamos o encontro do brincar da criança e do escrever do escritor. Ambos são autores num processo engendrado de produzir a si mesmos e ao mundo (Kastrup, 2007). O escrever ganha lugar para ver, entender, sentir, refletir sobre a articulação entre o pensar e o desejar (Fernández, 1997). A escrita pode ser um brinquedo, uma possibilidade de jogar para suportar a presença do outro, mas também para seguir presente na sua ausência. Assim como fizeram as colegas estagiárias de psicologia em seus textos apresentados no 3º desvio da estação anterior. Para suportar a presença, às vezes violentadora do outr’em mim (Nafah Neto, 1998) há que deixar-se a si em algum lugar.

Escrever é colocar em jogo o que se sabe e pensa. Despir-se, em algum tempo, diante do outro. Escutar o que o outro diz sobre o que escrevemos. Suportar escutar a leitura que o outro faz de nosso texto, tolerar o outro que lê o seu texto... Tudo isso pode sustentar-se no desejo de deixar suas marcas registradas, suas pegadas que ficarão quando já não puder mais estar presente.

Ressaltamos ainda que esta experiência de escrita feita no encontro com o outro tem suas peculiaridades. E por isso fizemos emergir neste texto as experiências de escrita em espaços coletivos, pois os encontros de escrita evocados ocorreram em grupos e oficinas. Destacamos que há um potencial no encontro coletivo, que podemos chamar também de autoria, uma autoria que acontece *entre*. Seja entre os pares que ali estão, seja entre os coordenadores ou oficinairos e os participantes, há uma

potência particular que acontece no encontro coletivo, na possibilidade de escutar o outro, ler o que o outro escreveu. O que força certo exercício de tolerância à alteridade, à diferença, exercício tão caro ao nosso contemporâneo individualista. E que produz seus efeitos em cada participante, um deles é o de poderem já no momento da escrita partilhar da alegria e da surpresa de revelarem sua própria autoria.

Estação terminal: despedida de escritas de si, escritas do mundo

Já que a origem é pelo meio e não há início nem fim, decidimos não concluir, nem finalizar. Porque, se já afirmamos com Deleuze, se escrever é uma questão de devir, é sempre inacabado, sempre por fazer-se. Então pareamos. Decidimos apenas *chegar*. Chegamos a este ponto, que parece ser o último desta produção. E agora?

É pelo meio, é no *entre* que as coisas nascem, e também saem e chegam. E mudam e racham. Partimos do meio, chegamos a outro ponto. Registramos o caminho. Até porque chegar se parece mais com esse devir estrangeiro que mora em nós. Aquele que chega e pode habitar o ponto de chegada. Uma viagem que não acaba aqui, porém, é hora da despedida.

Sabemos que a escrita não é a única possibilidade de um sujeito, mas aqui ressaltamos que ao se tornar uma possibilidade, abre portas e produz novas dobras, às vezes em fluxos intermináveis, territorializando e desterritorializando o sujeito a cada nova leitura. Muitas são as dores que acompanham a escrita e a vida, então, não é apenas escrever que dói: estudar também dói muito, porque desestabiliza, e, por vezes, produz vertigens.

Esta escrita é um modo de perceber este processo de passar por um curso de graduação, tornar-me psicóloga. E possibilitou o exercício dos laços, a partir de línguas inventadas, pois “o escritor, como diz Proust, inventa na língua uma nova língua, uma língua de algum modo estrangeira. Ele traz à luz novas potências gramaticais ou sintáticas” (Deleuze, 1993/1997, p. 9).

Inventando línguas que este texto foi feito e também tal qual cartografia, em constante e por vezes desesperador desfazer-se e refazer-se, na medida em que os caminhos eram percorridos. Às vezes desembocava em aberturas intermináveis, que nos sufocavam de tão abertas, de tanto ar que emanava delas. Outras vezes fechava-se tanto que reconstruir um parágrafo parecia impossível.

Agora já conseguimos olhar e ver daqui os novos relevos da paisagem que construímos ao longo do texto. Alinhavos do trânsito pelas experiências que nos fazem ser as psicólogas que somos hoje e das diferenças que produzimos (nos outros e me nós mesmas) a partir destes encontros com a vida e a psicologia.

As *escritas de si* são os escritos de afetos, das afecções nascidas no encontro com a “experiência mestiça” de habitar o mundo, e as *escritas do mundo* assim são nomeadas por ser a afirmação destas psicólogas no mundo, território forjado para habitar um espaço no mundo da psicologia.

Friedrich Nietzsche (1883/1998) lançou a primeira isca sobre a diferença quando propôs “uma nova maneira de sentir, uma nova maneira de pensar” que Deleuze (1968/2006) rouba para pensar o que chama de “pesquisa do acontecimento”. A leitura das diferenças, do que difere e desvia num discurso-ato-escrita é essa nova maneira de sentir e pensar, e também é o que nos interessa pesquisar, e tal pesquisa (como este trabalho) deve ser lida e escrita enquanto “ficção científica, no sentido em que

não evita aquilo que não sabemos ou que sabemos mal, mas que é realizada necessariamente nesse ponto que imaginamos ter algo a dizer” (Deleuze, 1968/2006).

Tendo dito o que imaginávamos ter a dizer, chega o momento de colocar o ponto final. A parada se faz necessária, embora a vida siga andando. Como fez Suely Rolnik (1993a) em seu Memorial ao encerrar o escrito com a frase: “e eu vou parando por aqui”. Apesar de marcar um fim, uma parada, marcou o fim com um verbo que não cessava, pois o gerúndio prolongava o tempo do verbo que parecia não querer terminar. Próprio da vida. Não pára. Começa e termina pelo meio.

E nós? Nós apenas passamos, sentimos e deixamos o registro do manancial de afetos e afecções que pode emergir de uma formação.

Epílogo: porque escrever é como caminhar sem rumo

Naquele dia de sol bonito saí para caminhar sem rumo pelo mundo das linhas retas de meu caderno. Inventei mundos invisíveis pelas mesmas linhas invisíveis da tela do computador, que alinhavam letra a letra em meio ao espaço duplo e justificado. Escrevi intensidades errantes, pois não entendia nada de Geografia.

Gostaria mesmo é de poder fazer minha tese em linhas soltas escritas à mão no caderno, nas linhas tortas dos papéis em branco, na ausência de concretude da marca que é o espaço de meu blog. De propósito ou não, fui me escrevendo, me tratando, me inventando. Inventei um país de letras vestidas e multiplicidade de sentidos. Amei (em) uma nova língua. Aprendi a falar a língua do olhar surpreso e esquecer a do sentido pronto.

Inventei palavras e esqueci-me delas. Inventei histórias e me fiz nelas. Encontrei pessoas que me ofereceram caixas cheias de encontros, palavras, ferramentas, disposições, possibilidades, saudades. Amei tanto escrever-me que confundi a vida vivida com a vida corrida sobre o papel. Corri as letras ladeira abaixo, vivi as intensidades imprevistas do dia comum. Registrei meu passeio com letras bonitas, costurei os melhores vestidos para minhas palavras. Tornei-me mulher pela escrita. E resgatei a menina de minha infância pelas letras tortas dos poemas rimados.

Saí à caça de novos sentidos nos livros de letra miúda e sem diálogos. Para que servem esses livros? Perguntar-se-ia Alice em seu País de Maravilhas. “Para ajudar os adultos a submeterem-se às normas”, poderia ter-lhe respondido a Lagarta. Voltei aos livros de literatura e encontrei-me nas histórias de mulheres. Perdi-me em meio a tantas letras, vozes e possibilidades. Fiz emergir uma história para poder pensar uma geografia sobre ela. Escolhi a ordem das paradas ao meu bel prazer. Misturei minha história a História da Humanidade.

Encontrei buracos escuros e florestas mágicas no caminho. Senti medo. Não encontrei roupas para vestir de sentido as palavras que ficaram assustadas num canto com medo de não sei quê. Deixei-me sentir o medo e pensei: por qual linha encontraria alguma palavra pendurada que me ajudaria a nomear meus medos? Fechei os olhos e vesti o céu de azul e clareei o dia. As palavras foram parar atrás de uma árvore frondosa e já não mais se assustavam. Era o medo da escuridão do vazio que as haviam feito encolher até o tamanho oito, quase invisíveis na tela do computador.

Costurei sentidos para vestir as palavras. Elas já não tinham medo e saíram de trás da árvore para crescer. Era hora de se apresentarem no título, em garrafais maiúsculas: ESCRITAS DE SI, ESCRITAS DO MUNDO, gritaram em uníssonos!

Referências

- Baptista, Maria Luiza Cardinale (2003). A cartografia dos processos de escrita: uma experiência com a metodologia da sensibilidade. *Fronteiras Revista de Estudos Midiáticos*, 1(1), 125-138.
Acessado em 05/09/2011, Disponível em:
http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/teses_geografia2008/artigomarialuizacardinalebaptista.pdf
- Barembliitt, Gregório (2002). *Compêndio de análise institucional e outras correntes*. Belo Horizonte: Instituto Félix Guattari.
- Barros, Manuel de (2010). *Menino do mato*. São Paulo: Leya.
- Barros, Regina Benevides e Passos, Eduardo (2001). Clínica e biopolítica na experiência do contemporâneo. *Revista Psicologia Clínica*, 13(1), 89-100. Acessado em 07/09/2012.
Disponível em: <http://server.slab.uff.br/textos/texto3.pdf>
- Bauman, Zigmunt (2000/2001). *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bergson, Henri (1933/2006). *O pensamento e o movente: ensaios e conferências*. São Paulo: Martins Fontes.
- Chauí, Marilena (2002). *Introdução à história da filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Cortázar, Júlio (1966/1972). *Todos os fogos o fogo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Cragolini, Mónica B. (2008). Adieu, adieu, remember me: Derrida a escritura e a morte. In: Paulo César Duque-Estrada (Org.), *Espectros de Derrida* (pp. 43-57). Rio de Janeiro: Nau Editora, Puc Rio.
- Deleuze, Gilles (1990/1992). *Conversações*. São Paulo: Ed. 34.
- Deleuze, Gilles (1993/1997). *Crítica e Clínica*. São Paulo: Ed. 34.
- Deleuze, Gilles (1968/2006). *Diferença e repetição*. Rio de Janeiro: Graal.
- Deleuze, Gilles (2002/2008). *A Ilha deserta e outros textos*. São Paulo: Iluminuras.
- Deleuze, Gilles e Guattari, Félix (1980/1996). *Mil platôs: Capitalismo e Esquizofrenia* (Vol.3). Rio de Janeiro: Ed. 34.
- Deleuze, Gilles e Parnet, Claire (1977/1998). *Diálogos*. São Paulo: Escuta.
- Derrida, Jacques (1967/1971). *A escritura e a diferença*. São Paulo: Perspectiva.
- Derrida, Jacques (1967/1999). *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva.
- Fernández, Alicia (1997). Aprender a escribir inscribiendo el aprender. Aportes desde la clínica y desde la formación en psicopedagogía. *Revista Escuela Psicopedagógica de Buenos Aires*, 4, 05-15.
- Fernández, Alicia (2007). *Nuevos aportes de la psicopedagogía clínica ante el cuestionado diagnóstico de ADD/ADHD (TDA/THDA)* (Módulo do Curso). Texto não publicado.
- Fernández, Alicia (2009). *Psicopedagogía en Psicodrama*. Buenos Aires: Nueva Visión.
- Foucault, Michel (1984/1985). *História da sexualidade 3 - o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal.
- Foucault, Michel (1983/2010). *Ditos e Escritos vol V: Ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Freire, José Célio (2003). A Psicologia a Serviço do Outro: Ética e Cidadania na Prática Psicológica. *Psicologia Ciência e Profissão*, 23(4), 12-15.
- Freud, Sigmund. (1908/1977) *Escritores criativos e devaneios*. (Vol. 9). Rio de Janeiro: Imago.
- Galeano, Eduardo (1991/2007). *O livro dos abraços*. Porto Alegre: L&PM.
- Kastrup, Virginia (2007). *A invenção de si e do mundo: uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Lins, Daniel (2004). *Deleuze – Juízo e Verdade*. São Paulo: Annablume.

- Lins, Daniel (2009). A escrita rizomática. *Revista Literária Polichinelo*, 10. Acessado em: 23/08/2010, Disponível em http://www.4shared.com/file/136820266/4ef815a/Daniel_Lins_-_A_escrita_rizomt.html
- Lispector, Clarice (1998). *Água viva*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Machado, Ana Maria e Neto, Gianella, Miriam (2000). Passagem para autoria p. Em Robson Pereira Gonçalves (Org.), *Subjetividade e Escrita* (pp. 55-81). Santa Cruz: Edunisc.
- Marques, Mário Osório (2001). *Escrever é preciso: o princípio da pesquisa*. Ijuí: Ed. Unijuí.
- Mees, Lúcia Alves (2001). *Abuso sexual: trauma infantil e fantasias femininas*. Porto Alegre: Artes e Ofícios.
- Montero, Rosa (2003/2007). *La loca de la casa*. Madrid: Punto de Lectura.
- Nafah Neto, Alfredo (1998). *Outr'em mim*. São Paulo: Plexus Editora.
- Nasio, Juan-David (Org.) (2001). *Os grandes casos de psicose*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Nietzsche, Friedrich (1883/1998). *Assim falou Zaratustra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Ortiz, Esmeralda (2001). *Por que não dancei*. São Paulo: Senac.
- Passos, Eduardo; Kastrop, Virgínia e Escóssia, Liliana (Orgs.) (2010). *Pistas do método da Cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina.
- Palombini, Analice de Lima; Barboza, Rita Pereira; Fick, Tanise Kettermann e Binkowski, Gabriel (2010). Cuidando do cuidador: da demanda de escuta a uma escrita de si. *Rev. latinoam. psicopatol. fundam*, 13(2), 253-264. <http://dx.doi.org/10.1590/S1415-47142010000200007>
- Pereira, Karla Soares (2006). *A dança dos signos: considerações sobre a linguagem e o tempo em Henri Bergson*. Dissertação do Mestrado, Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, Departamento de Psicologia.
- Pessoa, Fernando (1930/2007). *Poemas de Álvaro de Campos*. Porto Alegre: LP&M Pocket.
- Rizk, Hadi (2006). *Compreender Spinoza*. Petrópolis: Vozes.
- Rodulfo, Ricardo (2004). *Desenhos fora do papel: da carícia à leitura-escritura na criança*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Rolnik, Suely (1989). *Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo: Estação Liberdade.
- Rolnik, Suely (1993a). *Memorial*. Texto não publicado.
- Rolnik, Suely (1993b). Pensamento, corpo e devir: uma perspectiva ético\estético\política no trabalho acadêmico. *Cadernos de Subjetividade*. 1(2), 241-251.
- Rolnik, Suely (1997). *Uma insólita viagem à subjetividade: fronteiras com a ética e a cultura*. Acessado em: 15/09/2010, disponível em <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/viagemsubjetic.pdf>
- Silveira, Marília (2010). *Escritas de si, escritas do mundo: um olhar clínico em direção à escrita*. Trabalho de Conclusão de Curso Graduação em Psicologia, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS.
- Serres, Michel (1997). *O terceiro Instruído*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Trevizani, Tiago Marcelo (2009). *“Não gostava de companhia, mas sofria de solidão”: um estudo sobre o narcisismo contemporâneo e as (im)possibilidades de produção de alteridade*. Trabalho de Conclusão de Curso Graduação em Psicologia, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS.



Este texto está protegido por una licencia [Creative Commons](#).

Usted es libre de copiar, distribuir y comunicar públicamente la obra bajo las siguientes condiciones:

Reconocimiento: Debe reconocer y citar al autor original.

No comercial. No puede utilizar esta obra para fines comerciales.

Sin obras derivadas. No se puede alterar, transformar, o generar una obra derivada a partir de esta obra.

[Resumen de licencia](#) - [Texto completo de la licencia](#)